

TABUA

Copyright do texto © 2011 Carlos Tourinho de Abreu
Copyright da edição © 2011 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição foram reservados à
Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
Rua Maestro Callia, 123 – Vila Mariana
São Paulo, SP – 04012-100
Tel.: (11) 5904-4499/ Fax: (11) 5904-4495
escrituras@escrituras.com.br
www.escrituras.com.br

Diretor editorial

Raimundo Gadelha

Coordenação editorial

Mariana Cardoso

Assistente editorial

Ravi Macario

Revisão

Jonas Pinheiro

Projeto gráfico

Felipe Bonifácio

Capa e diagramação

Renan Glaser

Impressão

Corprint

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abreu, Carlos Tourinho de
Tabua / Carlos Tourinho de Abreu. – São Paulo:
Escrituras Editora, 2011.

ISBN: 978-85-7531-402-9

1. Ficção brasileira I. Título.

11-05558

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Obra em conformidade com o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

Carlos Tourinho de Abreu

TABUA



Esta é uma obra de pura ficção, qualquer semelhança com nomes, lugares, situações, fatos, pessoas conhecidas – vivas ou mortas –, e instituições terá sido mera coincidência.

Sorte é uma força que trabalha para ti quando estás desatento.
Ao meu amado pai Francisco Abreu, vulgo Seu Fran, o homem
cujos exemplos de honra, bondade, caridade, simplicidade e inteligência,
inspiraram-me a escrever esta obra de ficção.
Saudades, meu querido de botas texanas.

Sumário

Capítulo 1 – Lajedo das amarguras	11
Capítulo 2 – O bom e os maus samaritanos	22
Capítulo 3 – Histórias de bar	37
Capítulo 4 – A menina da roseira	50
Capítulo 5 – Amor, rixa e conluio	63
Capítulo 6 – O filósofo da guerra	75
Capítulo 7 – Sangue na Peroba	95
Capítulo 8 – A serra dos sonhadores	110
Capítulo 9 – O formigueiro humano	124
Capítulo 10 – Barracos e barrancos	141
Capítulo 11 – Dias de treinamento	155
Capítulo 12 – A metrópole de ilusões	171
Capítulo 13 – O reencontro	186
Capítulo 14 – A escolha	198
Capítulo 15 – Rumo às raízes	211
Capítulo 16 – Sicários do silêncio	228
Capítulo 17 – O dia do homem bom	238
Capítulo 18 – Tabua	251

Capítulo 1

Lajedo das amarguras

– Oh Guina, traz a jaca-de-pobre pra dentro que o menino tá com fome! – meio-dia gritou minha mãe, Dona Letide.

Esse foi o tipo de frase que regeu a minha paupérrima infância em Lagedo do Tabocal, distrito de Maracás, a trezentos e cinquenta quilômetros da capital, lugar perdido na poeira do Centro-Sul da Bahia. Em 1981, aos meus nove anos de idade, não sei precisar quantas foram as vezes em que ouvi essa mesma resignada súplica, vinda da boca também faminta da minha sofrida mãe. A cada raiar do sol escaldante da nossa terra, a voz forte do locutor da Rádio Sociedade da Bahia pregava insistentemente uma tal de esperança que nunca conseguimos encontrar. Muito pelo contrário, dia após dia nós nos víamos cada vez mais à beira do abismo, a poucos passos de definharmos de fome. Aquela dor fina no estômago foi o que realmente marcou a minha mais tenra juventude, igualmente cheia de amargura, abandono e desespero.

O meu nome é Aguinaldo da Silva Santos, vulgo Guina. Tenho trinta e três anos, e sou um típico caboclo brasileiro, filho de mãe índia e pai branco. Essa é a minha saga, e porque não dizer, a saga de um retirante nordestino que graças a um golpe do acaso conseguiu se instruir, logo, prevalecer, pelo menos até o dia em que Deus quis. Hoje, com a cabeça apoiada no colo de um anjo em forma de mulher, relembro-me da minha história, em outras palavras, fatos memoráveis de um proveniente de locações esquecidas e judiadas, mais um dos incontáveis lugarejos pobres desse meu imenso e injusto Brasil, longe de ser varonil.

Lagedo do Tabocal, a minha terra *mater*, recebera esse nome, primeiro, porque é evidente no seu centro um enorme e maciço lajedo, cujo cume pode ser facilmente avistado de qualquer ponto da sua praça principal. O resto do nome, reza a

lenda, se deve ao fato de que ali naquele mesmo local tenha vivido uma aldeia de aguerridos índios, provavelmente ancestrais de minha mãe, chamados de Mongoiós, cujas lanças e flechas eram feitas da madeira dos vastos bambuzais, ou “tabocais”, cultivados nas imediações do lajedo. Por isso, quando o primeiro branco lá chegou, possivelmente da mesma dinastia do Seu Mourinho, um dos mais ilustres usurpadores das redondezas, batizou o lugar de Lajedo dos Tabocais, que depois, em tempo modernos, modificou-se para Lagedo do Tabocal. E esse nome assim estagnou, bem como o desenvolvimento do distrito, que até hoje vive o mesmo deprimente e conhecido marasmo, eu não sei explicar por que cargas d’água.

Só sei explicar, e bem, que comi o pão que o diabo amassou por não ser rico, bem-nascido, ou pior, não parecer nem um pouquinho com os afortunados galãs das novelas de televisão. Este é o meu país, que não dá oportunidade a quem é como eu, moreno-escuro, nariz largo, cabelos ondulados, maltratado, e acima de tudo, detentor de um cruel e indifaráçável rótulo maldito largamente estampado na testa: zé-povinho. Contudo, o maior dos desgostos é saber que as terras tupiniquins são povoadas em sua maioria por gente como eu: negros, pardos, caboclos ou mulatos, refêns da velha “nata” dominadora – branca, ou pelo menos dita, branca.

Na manhã daquele dia, como em muitos outros, lembro que saí junto ao meu irmão mais novo, Lô, e fomos de badogues em punhos tentar arranjar algo para comer. Arremessamos todas as bolinhas de barro seco que havíamos preparado na tarde anterior, mas não obtivemos nenhum êxito. As lambus pareciam estar mais ariscas naquele execrável amanhecer. Voltamos para casa de mãos vazias, e igualmente vazias estavam as nossas duas únicas latas de farinha, ambas dispostas numa prateleira velha da nossa modesta cozinha. Se é que podíamos chamar aquilo de cozinha.

Minha mãe, já anestesiada pela mesma miséria vivida pelos seus ancestrais desde a chegada do homem branco ao nosso país, todas as vezes que se deparava com aquele rotineiro e infeliz estado de mais completa privação, não hesitava em conformada recorrer para o que parecia sempre ser a nossa última cartada.

– Branco, meu filho, vá a chakra de Seu Mourinho e pegue uma jaca-de-pobre, porque nesse sertão nem as jaqueiras do mato têm mais o que dar. Mas não deixe ninguém te ver não, tá?!
 – Dona Letide, cuidadosa, instruiu Branco, meu irmão mais velho.

Dona Letide, mulher de fibra, sertaneja nata, deu luz a nove filhos, sendo que três deles morreram com poucos meses de vida por conta da inanição do agreste. Mãe solteira, nos criou, os seis sobreviventes, como Deus quis, mesmo que, só quatro deles ainda morassem com ela em Lagedo do Tabocal. As duas moças mais velhas, filhas do seu primeiro casamento, já haviam sido levadas pelos filhos de Seu Mourinho para trabalharem como babás nas suas mansões em Salvador. Já Branco, eu e Lô, na época ainda muito novos, com dez, nove e oito anos respectivamente, ajudávamos Letide como podíamos na árdua colheita do café. Afinal, brinquedo de criança lagedense era trabalho!

Nós três éramos frutos do que posso definir como um “amigamento” de três anos que a minha mãe teve com um homem chamado Zene, ex-subgerente das fazendas de café do Seu Mourinho. Amasiado ou não, assim que Lô nasceu, meu pai sumiu. Alguns dizem que ele foi para o interior de São Paulo, sua terra natal, em busca de melhores salários nas lavouras cafeeiras daquela região. Não deixou para trás nem sequer uma foto. Só sei que não me lembrava da cara daquele safado, e para ser sincero, por toda a minha juventude não fiz mesmo muita questão de lembrar.

– Oh *mainha*, só tem isso pra comer? – perguntou meu irmão, Lô, apontando para a pequena jaca-de-pobre trazida por Branco.

– Rapaz, hoje não tem mais nada pra *nois comer* não! – falou displicente a mãe. – E dê graças a Deus que seu irmão conseguiu trazer a jaca sem que Seu Mourinho visse. Ele já anda injuriado com o sumiço das frutas de sua chakra. – completou.

Cristóvão Mourinho, mais conhecido como Seu Mourinho, um velho alvo, magro, de cabelos bem brancos e nariz avantajado, era o dono do nosso teto, e quiçá também das nossas almas. Todos da nossa família, sem exceção, moravam no casebre de taipa de dois cômodos construído a alguns metros da sede principal da sua fazenda. Desde os tempos do pai de

minha mãe, índio Itagi, a minha família vivia sob os comandos do nobre latifundiário. Sua imensidão de terras, fossem elas adquiridas, herdadas ou griladas dos vizinhos, até pouco tempo se estendiam de um canto a outro de Lagedo do Tabocal. Descendente dos mesmos portugueses que assassinaram, exploraram ou racearam os antepassados da minha mãe, o patrão parecia ainda viver naqueles velhos tempos. Mantinha todos os seus agregados, colhedores de café ou não, debaixo das ordens severas do seu regime coronelista, pagando pouco e cobrando muito pelas mercadorias do seu armazém.

Portanto, quase cativos, por mais que tentássemos, nós nunca conseguíamos quitar as nossas eternas dívidas, contraídas ao sermos quase que obrigados a comprar os nossos modestos mantimentos em sua mão. Isso quando, antes disso, o meu padrasto, um desgraçado brutamontes por nome de João de Mirão, não gastava na venda, com: jogo, cigarro e cachaça, todo o dinheiro que ganhava como vaqueiro da fazenda. Devo adicionar que o coronel também detinha uma pequena vacaria de leite além dos seus milhares de pés de café tipo arábico. Ironicamente, café com leite foi o que mais nos faltou naqueles tempos difíceis.

Lembro com desgosto que em períodos de estiagem não tínhamos nem mesmo as frutas da caatinga para amenizar a nossa fome. O que nos salvava da seca era a palma que sobrava do gado e a garapa feita da mistura de açúcar cristal do barato e água. Comíamos e bebíamos aquela merda em doses moderadas no decorrer daqueles demorados dias de cã. Posso dizer, sem medo de errar, que o meu quinto irmão, um neném recém-nascido, na época ainda sem nome, foi salvo pela bendita, ou quem sabe maldita, garapa.

O pequeno desde cedo não teve muita sorte, pois foi registrado no cartório como filho de João de Mirão, mas graças à sua cor, um pouco mais escura, as más-línguas logo espalharam o boato de que ele na realidade não era filho de Mirão, e sim, de um homem negro chamado Tião. João era gazo, tipo italiano, de cabelos e olhos castanho-claros. A minha mãe era índia, de cabelos pretos escorridos, de pele castanho-escuro, assim como os seus belos olhos amiudados. Logo, seria quase impossível que

a criança nascesse cafuza. Além disso, Letide e Tião trabalhavam juntos, e porque não dizer, bastante entrosados, no período de colheita. Por isso, a desconfiança. No entanto, em se tratando da miscigenação ancestral do povo brasileiro, na verdade não podíamos duvidar de quase nada.

A eterna zombaria em relação à suposta traição, dentre outros fatores, fazia de João um homem infeliz e irascível. Assim como muitos da região, ele descontava na cachaça todas as suas frustrações como homem, marido, pai, profissional, e principalmente, como provedor. Tudo nos faltava naquela casa, e o ciclo vicioso se enrobustecia à medida que ele mais e mais bebia. Apanhávamos quase todos os dias, inclusive Letide, como bois ladrões. Certo dia, ele deu um tapa tão violento no rosto de minha mãe que ela resolveu denunciá-lo no posto policial local. A pé, percorreu os quase oito quilômetros que separava a nossa casa na praça de Lagedo, para presenciar tamanho descaso. Os malditos policiais se riram, e disseram-na em tom de zombaria que ela deveria ser mais fiel ao marido. A fama de corno de Mirão já percorria até as esferas policiais.

A lei em Lagedo, por sinal, era algo a não ser seguido aos rigores que se faziam merecer. Naquele velho distrito, como já dito, escondido na sombra de Maracás, havia tão somente um par de guardas, um deles cabo e o outro um soldado novato. Ambos passavam longe de deter os culhões ou mesmo os armamentos necessários para se manter a boa ordem esperada por alguns dos nossos pacatos cidadãos. As brigas de faca, ou pasmem, de facão, nos domingos de feira e nos animados forrós de sábado que varavam a madrugada, eram assíduas como ordenhar as vacas pela manhã. E por falar em gado e violência, lembro-me bem de uma situação peculiar ocorrida em um desses dias de feira. O dia de fúria de Totonho! Situação essa que por falta de belas estórias de final feliz, veio definitivamente marcar a minha pobre puerícia.

Totonho, açougueiro que matava boi todas as quintas-feiras, recebeu mais uma notificação da prefeitura de Maracás, entregue, assim como de costume, pessoalmente pelo soldado novato. O documento dizia que ele não mais poderia vender em feira livre as suas suculentas picanhas, uma vez que o abate dos

animais era feito em ambientes extremamente anti-higiênicos. Diga-se de passagem, no chão do curral da fazenda que ele comprasse a rês. Totonho, em plena labuta da feira dominical, talhando e retalhando uma viçosa carcaça, ficou enfurecido ao receber, além da notificação, um bilhete desaforado escrito pelo já impaciente cabo, contendo diversos xingamentos. Totonho achou um desrespeito alguém enviar-lhe através de um mero pedaço de papel tamanha agrestia, e pior, pelas mãos de um soldadinho qualquer. “Homem que é homem tem que falar na cara”, bradou ele. Aquele então foi o pretexto que o valentão precisava para ir tirar as tão queridas satisfações com o cabo janotinha.

O açougueiro era forte como os bois que ele matava. Mais alto do que a média, com seus músculos definidos pela lida exaustiva no talho, o jovem cafuzo seguiu rumo ao posto policial em busca de retratações. Não deu outra, o cabo e o soldado quiseram falar alto, impondo a tal autoridade que não tinham, e apanharam como mulas de tropa. Totonho sozinho esbofeteou o cabo, e enquanto isso, o novato saiu a correr pelas calçadas de pedra da praça central de Lagedo, desesperado a gritar:

– Acudam, o homem tá doido!

Foi então que o Seu Licomédio Cardoso, um velhote de baixa estatura, cabelos grisalhos, pele morena e bigode afinado, dono de um boteco a cinco casas do posto policial, adentrou ao recinto de espingarda cartucheira em mãos, tentando acalmar o açougueiro.

– Totonho, seu doido, você quer ser preso? Larga o homem, que assim você o mata! – gritou Licomédio, consertando os seus óculos e apontando a sua espingarda cartucheira.

– *Quá!* – Totonho usou a corriqueira interjeição lagedense. – Tu não *acha* que eu já tô preso mesmo? Vou sangrar esse safado almofadinha, e agora. Já não vou com os cornos dele há muito tempo, desde o dia que ele começou a ficar de olho grande pra minha nega, Maria. Não passa de hoje. Vou furar esse cabra!

Lembro que eu tinha uns sete anos de idade quando presenciei da porta do posto policial Totonho sangrar com a sua peixeira afiada, sem pena, o cabo janotinha. Sangrou com a simplicidade que se bem sangra uma galinha, sem deixá-la

1 *Quá* é uma interjeição do interior baiano que expressa impaciência, menosprezo ou espanto.

espernear, enfiando devagar a lâmina na junção entre o pescoço e o maxilar. O cabo desfaleceu-se macio, presumo que sem dor, pois partiu rápido e objetivamente para o mundo desconhecido. Naquele instante, indo de encontro à comoção demonstrada pelo povo ao meu redor, senti uma ponta de admiração por Totonho, pois o homem não se deixou intimidar. Matou, e matou bonito, o seu declarado desafeto. Premeditou, e bem executou o seu plano, no momento certo, à revelia dos que o rodeavam. Com o passar do tempo, Totonho passou a ser o exemplo único de herói desafiador para aquela criança desprovida de qualquer conceito ou referência de heroísmo.

O jovem cafuzo se esquivou facilmente do pequeno Licomédio, que hesitou em atirar, e fugiu na capoeira para nunca mais voltar ao seu lugar de origem. Deixou uma família órfã de pai e o posto policial de Lagedo ainda mais desfalcado, pois lá restou somente um, e cagão. A partir do exemplo do açougueiro, a cidade virou terra de ninguém, e a cada fim de semana caía um ou dois na ponta de uma faca inimiga qualquer. A lei entre os pobres miseráveis era congruente com a lei da selva, pois era o mais forte quem sempre prevalecia. Além da fome e da violência doméstica, fui assolado também pela violência endêmica, e nem sempre ela estava somente concentrada na praça central do esquecido distrito.

Lembro-me com muito ódio dos abusos os quais sofri das mãos jovens, porém perversas, dos netos de Seu Mourinho. Desconjuro até hoje os atos daqueles pequenos demônios branquelos, verdadeiros trombadinhas, que vez ou outra apareciam para passar as suas férias escolares na fazenda. Em especial, os filhos do filho homem mais novo do patrão, Huguinho e Mardinho, que quando vinham de Salvador, a minha vida se tornava um inferno ainda mais perfeito do que já era. Eles pareciam ter me escolhido como o seu alvo predileto, ou seja, o objeto descartável mais ralé da sua pérfida diversão.

Quando os filhos e netos chegavam a Águas Claras – nome da fazenda sede do Seu Mourinho, ao redor da qual nós morávamos – a minha mãe era requisitada para ajudar na lida

da caseira principal, Conceição. Branco, por ser mais velho, era sempre escalado para cuidar de Lô, em casa. Já eu, frequentemente devia acompanhar a minha mãe e ajudá-la nas pequenas tarefas dos preparativos para os grandiosos banquetes destinados aos parentes citadinos. Aí morava o perigo! Sozinho, ou até às vezes na frente da minha mãe, eu era alvo de chacotas e excessos vindos dos meninos da capital, em muitas ocasiões apimentadas por beliscões, pisões e mordidas.

Ambos tinham mais ou menos a minha mesma faixa etária, e Mardinho, devo confessar, chegava até a ser menor do que eu, mas eu não ousava revidar, visto que morria de medo de qualquer sanção da parte do patrão. Um dia, recordo-me com rancor, eu brincava solitário e detraído em um cajueiro em frente à porta anterior da sede, e os dois se aproximaram de mim provocando:

– Ah, o macaquinho está pendurado no galho. Cai, macaquinho – Huguinho lançou a primeira pedra.

Antes mesmo que eles conseguissem me acertar, eu pulei no chão amedrontado. O impacto não foi dos mais sutis, e o riso foi geral. Fiquei furo da vida ao me sentir novamente impotente, ridicularizado, só que daquela vez, deitado ao solo barrento, com o traseiro doído. Entretanto, aquilo foi só o começo.

– Macaquinho, levanta, macaquinho! – falou, daquela vez Mardinho, certamente repetindo o que ouvia em casa quando o seu pai repugnava de forma imensamente pejorativa a gente da minha cor.

– Isso, levanta, seu merdinha. Eu não gosto de você, porque você monta no meu cavalo quando eu não estou aqui. Se montar de novo no Ventania, eu te mato! – Huguinho se agachou no chão, e me deu o ultimato por demais adulto para os seus recém-completados dez anos de idade.

– Isso mesmo, não monte também no meu Minuto – Mardinho citou o nome do outro cavalo. – Ele está cheio de marcas de chicote. E foi você quem fez!

Cada neto tinha o seu próprio animal para montar na época em que lá estivessem de férias. O avô fazia questão de pessoalmente doar aos garotos, claro que de forma figurada, os

pangarés mais mansos, para desde cedo desenvolver nos herdeiros certo vínculo com o que no futuro iria ser seu por direito. Os pirralhos, enquanto lá estavam, tratavam das suas montarias com todo o zelo, mas só não sabiam que os cavalos voltariam a viver sob as chibatadas perversas dos vaqueiros inveterados, assim que eles retornassem à capital. E eu parecia pagar a conta.

– Eu não monto em seu cavalo não, moço² – tentei convencê-los.

Naquele mesmo instante, encostei-me na cerca, ainda sentado, e cruzei as pernas, o que foi o suficiente para encorajar Huguinho a vir na minha direção, e, com uma expressão de total deboche, apontar:

– Ah, o macaquinho não usa cueca! – gargalhou e expôs-me também para o seu irmão. – Não tem dinheiro pra comprar cueca! – repetia e cantava ao vento aquela frase, em alto e bom som.

– Olha o *short* dele! É rosa, de mulherzinha! – chacoteou Marquinho, pondo mais fogo na fogueira.

O mimado garoto mal sabia que eu não tinha o direito de escolher o que eu vestia. Vivia de esmolos, comumente doadas pela sua mãe, avó ou tia. Aquele *short* em especial devia ter sido algum resto de sua prima.

– *Lá ele doído*³, mulherzinha é você! – respondi num rompage de coragem que logo se transformou em arrependimento.

Huguinho se aproximou de mim, fez-me descruzar as pernas e acertou um chute certo no meu saco escrotal. O desgraçado tomou as dores do irmão sem pensar duas vezes.

– Nunca mais repita isso, seu macaco! – assim que ele terminou de falar a sua última palavra, caí num berreiro tão alto que pôde ser ouvido da cozinha da sede.

Não sei se chorei mais pela dor do pontapé ou se graças ao cúmulo da humilhação que eu vivera naquele nefasto instante. Quis por uma fração de segundo deter a coragem assassina de Totonho, pois ali consumiria de uma vez por todas aquelas

2 Regionalismo típico de certos interiores baianos. Comumente, como se refere a qualquer interlocutor, homem ou mulher, de forma impessoal.

3 *Lá ele* – Expressão usual em interiores baianos. Significa: “Outra pessoa, não eu”. Às vezes usa-se: *Lá ele doído*.

dois projetos de preconceituosos mirins. Cortaria, sem titubear, aquele mal pela raiz, com a mesma facilidade com que o açougueiro cortou a garganta do cabo almofadinha. Sonhei com aquela cena assassina por quase um minuto, até que, em meio a novos chutes, e agora murros, eu fui acudido pelos desesperados gritos de mamãe.

– *Larga* meu filho, seus pestes! Misericórdia Senhor, tem pena do meu menino! Para com isso, Huguinho e Mardinho!

– Sai daqui, sua megera, você é só uma empregada! – rebateu Huguinho.

– Não fala assim comigo, menino – Letide replicou, e agarrou os dois pelos braços, afastando-os de mim.

– Meu avô é dono de tudo isso, e eu falo do jeito que eu quiser! Vou dizer a ele que você me bateu. Olha o meu braço – choramingou o menino mais velho, sendo logo acompanhado pelo menor, Mardinho.

De calundu, os dois sacudiram seus braços que minha mãe segurava, e quando conseguiram se soltar, partiram dramaticamente em direção ao salão principal. Sua avó ouviu calmamente a sua aumentada e infantil versão e logo foi ao cajueiro saber o que havia acontecido. Lá chegando, se deparou com a cena de desabafo misturado ao mais completo estado de lamentação. Nunca se deve mexer com os filhos de uma boa mãe.

– Oh meu Deus, por que essa miséria toda, Senhor? Bate no menino porque *nois* é pobre, não tem onde cair morto! Oh Jesus, ajuda *nois*. Acaba de vez com essa carestia, Senhor! Ai que desespero! – não sei quem chorava mais alto, eu ou Letide.

– O que aconteceu, Letide? – perguntou Dona Mariá, esposa de Seu Mourinho, e avó dos dois demônios.

– Oh Dona Mariá, os *mininu* bateram em meu *fio* de novo!

– Isso é coisa de criança, Letide, deixa pra lá. Agora pare de chorar e vá pra casa, pois você tem ainda que cuidar dos seus outros filhos e marido. Espero-te aqui amanhã! – disse a imponente senhora de olhos verdes e cabelos claros como barba de milho.

– Deixa pra lá, porque não é com os netos da senhora – resmungou baixinho minha mãe, sem deixar que Mariá

entendesse o teor descontente da sua frase. – Obrigada, Dona Mariá. Amanhã eu volto bem cedinho.

Amparando-me pelo braço, ambos ainda choramingando, minha mãe me conduziu com cuidado até o nosso módico casebre de taipa. Durante a noite, a história caiu nos ouvidos do meu padraсто que, no auge da sua bebedeira, me brindou com uma outra belíssima surra, agora, com bainha de facão plebeu, ao invés dos chutes infantis da fidalguia. Fiquei sem poder andar por quase cinco dias, e para dormir, tinha que deitar de bruços, já que o meu dorso ficou em carne viva, tão marcado quanto os judiados e insurgentes lombos dos antigos escravos fujões, que resistiam a cada recaptura em carregar o peso do nosso país nas suas costas. Em meio à dor e à tristeza, às vezes pegava-me a pensar: “Tanto tempo se passou, mas nada na verdade mudou. Ainda somos escravos, onde quer que estejamos! Seja em casa, no trabalho, na cidade, quem nasceu para se submeter, sempre será submisso”. A maioria do tempo, calado como de costume, vivendo uma depressão sem fim, eu cada vez mais me convencia de que eu seria um escravo fujão moderno pelo resto da vida. Oprimido, porém, sublevado, sem nunca aceitar por inteiro a ideia da dominação.

Por isso, eu nem sempre lidava com aquele inferno da forma branda e apática a qual eu estava acostumado. Nos momentos de total desespero, eu me embrenhava no mato e corria até encontrar a parte mais remota da fazenda, a chamada Tabua. Assim como o nome já insinuava, o lugar sempre foi repleto das intrigantes angiospermas de flores em espigas cilíndricas, a rodear bonitas uma lagoa comprida, perdida nos cafundós de Lagedo. Ali eu sentava, e chorava escondido todas as mágoas que o destino já se havia incumbido de me proporcionar em tão jovem existência. Quando eu cansava de me lamuriar, deitava-me de barriga para cima, fechava os olhos apertado, e sonhava, sonhava forte, com uma decente realidade que no meu ignóbil mundo real estava tão longe de se realizar.

Onde Comprar

Tabua pode ser encontrado nas **grandes livrarias brasileiras**, como: Cultura, Saraiva, Martins Fontes, Livraria Folha, dentre outras.

Além disso você pode **adquirir** **Tabua on-line** no Website ou Blog do autor.

<http://www.carlostourinhodeabreu.com.br/>

<http://www.carlostourinhodeabreu.blogspot.com/>

Facebook:

<http://www.facebook.com/tabua.livro>

<http://www.facebook.com/ctabreu>

Fale com o **Carlos Tourinho de Abreu:**

contato@carlostourinhodeabreu.com.br

Para encomendar **Tabua** para a sua livraria, entre em contato com a **Escrituras Editora**.

<http://www.escrituras.com.br/>

Sinopse:

“Com Tabua, Carlos Tourinho de Abreu revela num texto envolvente não apenas o seu talento como escritor, mas também um olhar crítico sobre o Brasil contemporâneo. Situando-se entre os anos 1980 até a atualidade, a narrativa possui muitas vezes tom de suspense, apresentando uma sequência de revelações que fazem o leitor ficar estarrecido.

Conta a história de Guina, recheada de reviravoltas, desde a sua infância marcada pela pobreza numa realidade de interior, até a vida adulta, mais confortável – porém, nem tanto – no universo metropolitano. Trata-se de uma grande denúncia que vem a mostrar que, apesar de o Brasil ter evoluído na aparência, essencialmente permanece o mesmo no jogo de interesses dos ruralistas que se intrometem vorazmente na política; na troca de favores; no individualismo e ambições desmedidos; no tratamento hostil e preconceituoso contra as camadas mais populares; na criminalidade encomendada, entre outros aspectos.

Contudo, o retrato que o autor delimita não é um apocalipse completo. Ainda se pode acreditar que existem pessoas de bom coração, a exemplo de personagens feito Seu Fran que, mesmo cerceados em muitos momentos, não deixam de praticar a bondade e a generosidade. Também se pode ter esperança quando vem à tona o amor puro e verdadeiro de personagens como Guina que, mesmo em instante de total desilusão e desespero, não perdem o sonho maior.”